

ÍCARO

: *Revista de Coimbra* :

2

m brevemente:

ento.

o.

: 1919



: BALADA :

NO eirado dum castelo,
por sôbre as marinhas águas,
chamei saudades e máguas
do meu amor triste e belo.

Eram saudades sem fim,
eram as máguas e a dor
que me déste um dia a mim
num filtro de morte e amor.

E quis, ó cheia de graça,
quási a morrer, e a chorar,
encher com elas a taça,
e atirar a taça ao mar.

DIRECTOR: Ernesto Gonsalves.

SECRETÁRIO E EDITOR: Luiz de Vasconcelos.

FUNDADORES: Cabral do Nascimento, Vieira de Castro, Alfredo Brochado e Cortez Pinto.

ADMINISTRADOR: Vicente de Gouveia (Rua Alexandre Her-
culano, 42).

N.º 2

OUTUBRO DE 1919

ANO 1.º

SUMÁRIO

Balada	AFFONSO LOPES VIEIRA.
A propósito de Dante Gabriel Ros- setti	TRISTÃO DIAS DE AGUIAR.
Do "Poema da Tentação" e "Ironia Bucólica"	AMÉRICO CORTEZ PINTO.
No Bosque	ALBINO DE MENEZES.
Soneto	ANTÓNIO FERREIRA MONTEIRO.
Máscara	LUÍS PINTO DE MONTEMÓR.
A Lenda das Jóias	ALFREDO DE CARVALHO.
Sonetos	CABRAL DO NASCIMENTO.
Diálogo numa noite de névoa	ERNESTO GONSALVES.
Herói da Dor	FERNANDO CAETANO PEREIRA.

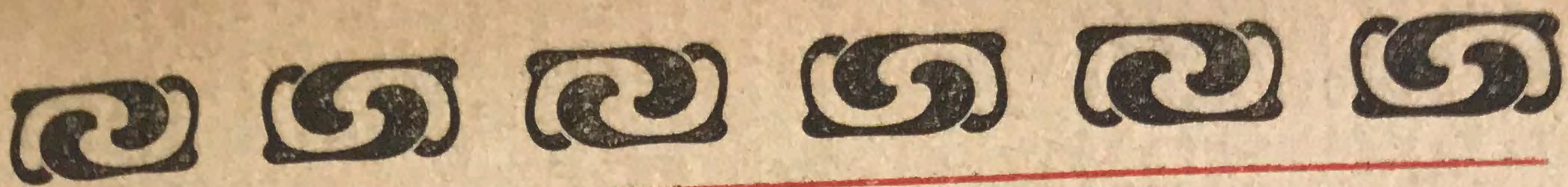
Toda a correspondência relativa à redacção deve ser
dirigida ao director, Rua de Tomar, 3.

Preço: 250 reis

O céu era todo azul
como o teu sorriso é loiro;
mas p'ra a balada de Tule
faltava-me a taça d'ouro.

À minh'alma então, com dor,
deitei-a p'lo mar além,
para depois deste amor
nunca mais amar ninguém!

AFFONSO LOPES VIEIRA



: A PROPÓSITO DE :
DANTE GABRIEL ROSSETTI

NÃO há nada mais grato para os que epicurísticamente colhem no jardim da emoção as imagens volutuosas e serenas, do que recordar, de olhos semi-cerrados, aventuras paradoxais, que nunca se realizaram, e sonhos belos e encantadores. Assim, neste momento em que admirei a linha puríssima dum vaso etrusco, onde há um galbo de dança escultural, dentro de mim surgiu um novo ritmo, que perdura entre névoas, procurando definir-se em formas nítidas e harmoniosas. A primavera, que apareceu entre aromas, na ronda das horas amorosas, dá ao céu um anil esmaecido e todas as águas cantam, no germinal sereno, um elogio voluptuoso e sagrado. Por isso, na anciedade amorosa dêste momento, surgiu um desejo forte e apaixonado de beijar uma boca desenhada em curvas perfeitas, que eu nunca vi mas, dir-se-ia, já beijei em sonhos... E «The Beloved», a madona triste, de olhos verdes de balada e mãos longas de bênção, vem oferecer-me o veneno dos sonhos que nunca se realizam, — os sonhos que deixam em nós a saudade duma gloriosa posse nunca consumada...

Na verdade, eu nunca poderia evocar, como o espírito enamorado desta hora de serenas voluptuosidades, senão êsse

pintor mágico e peregrino que foi tecendo na névoa das côres esmaecentes e dos oiros góticos, a ância duma vida perfumada, religiosa, toda votada aos abandonos pálidos e aos beijos que agonizam extasiadamente. Para a minha sensibilidade de latino, que se compraz com as aparências elegantes e ordenadas, toda a obra de Dante Gabriel Rossetti é uma teoria lânguida de ritmos lânguidos, que esculturalmente vão manifestando, num albôr de madrugada venusina, a alegria doce de viver, como num sonho idílico, rezando as orações à beleza, ao amor e à perfeição. Em toda a obra do pintor-músico, que impassivelmente buscava o melhor ritmo dum gesto de oferta, eu só encontro, na alegria dêste momento primaveril, a jocunda e nobre elegância, o êxtase sereno, o melodioso louvôr, a florentina esvelteza das curvas e das atitudes. É um cantor de pastorais irlandesas que, por êrro, se encantou no desejo voluptuoso, sorridente, idílico, dos primeiros pintores da renascença italiana. Moitas cheirosas de lírios, que teem uma elegância enlançada, perfumam todo o seu sonho. Os seus olhos, abrumados na tristeza das paisagens da chuva e da neblina, despertam à luz gloriosa, transparente, vibrante, de Florença, e o sonho místico da sua alma busca um equilíbrio luminoso na voluptuosidade meridional. Botticelli resurgiu neste pintor bárbaro e o desejo elegante e heráldico do artista da Renascença floresce em plena idade do *dollar* e da máquina. Mas em toda a sua obra uma fluída melancolia se espalha como um beijo de luar. Os relógios de sol atraem-no e a sombra das horas, manchando o mármore, fascina-o como a curva dum vôo imaterial. Os relógios de sol, que Maeterlinck louvou no seu estudo célebre, são como pombais donde fugiram todas as pombas. Eles nunca nos falam do presente, mas do passado, porque a leve sombra que os mancha é a saudade das horas sepultas. Na sua ância de perfeição, todas as curvas esveltas, melodiosas, desenvolvendo-se como ritmos perfeitos, parecem ser copiadas do sonho das lavaredas que sóbem, numa suspirosa elegância, para se abraçarem. Que extasiada serenidade a das atitudes das suas mulheres que presidem a um rito musical, desconhecido!

As mulheres de Dante Gabriel Rossetti, inspirando-se amorosamente no mesmo modelo duma gracilidade romântica, vivem num ambiente sobrenatural, fiérico, onde a luz entra

filtrada por tenuíssimos gazes, que a tamisam em velaturas doces.

Duma hierática beleza, cabelos longos e loiros, a boca onde todo o beijo deve ser uma prece, as longas mãos de colhedora de lírios, — a sua musa, como um sonho absorvente, aparece-nos em *Dreams Day*, na sumptuosidade voluptuosa de *Monna Vanna*, em *Dante's Dream*, em *The Beloved*. É uma madona pálida, de atitudes hieráticas, abandonando-se sempre num êxtase místico, lânguido, romântico.

Ainda pouso os meus olhos sôbre a *Mary Magdalene*, duma concepção primitiva e bela, a cabeça envolta duma auréola diáfana... Mas na nervosa inconstância da minha evocação, vou lembrando o que foi a época maravilhosa em que o luxo, o vício, a beleza atingiram o seu grau culminante e que estes anos de guerra, transformando o mundo material e espiritual, nos fazem parecer já muito longe. Dante-Gabriel foi um dos seus grandes artistas. Uma delirante, orgiástica beleza embriagava todos os artistas, e o riso báquico, ardente explodia por entre as taças de *champagne*. Essa hora máxima da civilização resumiu, numa síntese chamejante, toda a beleza, todos os encantos, o vício e o misticismo, a alucinação criadora. Foi a idade do luxo e da lavareda. A misteriosa e divina febre que, na Grécia, fez surgir a *Venus de Milo* e o *Discóbolo*, fecundou, no *avant-guerre* inquieto, o *Penseur*, e a *Pensée*, as páginas maravilhosas de Flaubert, a flama lírica de *Le Virgini delle Rocce* e a serenidade helénica do *Etui de Nacre* e do *Balthazar*. Oscar Wilde nesta época paradoxal, intensa, possuído duma loucura exibicionista, fumava o cigarro *à bout doré* dos seus paradoxos.

Uma febricitante e inquieta curiosidade perscrutava a beleza das civilizações mortas, desde o hieratismo egipciaco até à melodiosa e nobre harmonia dos gregos. E dessa erudição requintada, dizendo o divino desejo de perfeição, surgiram um pessimismo pálido, uma elegância frágil, subtil, perversa, e o desânimo ante a inutilidade de todo o esforço redentor. Eram as mulheres seres andróginos e asexuados, que os costureiros vestiam a seu capricho como se fôsem bonecas que enlevadamente se sorrissem aos espelhos. Infantas amaviosas do

boulevard, paradoxais e fúteis, a vida modelára as suas mãos no geito de sorrir e de beijar, anelando-as de anéis de cristal e de ferro, numa ironia misteriosa. Como Salomé, usavam pulseiras de oiro e diamantes nos tornozêlos. Os seus corpos esculpam-se numa elegância de ritmos enleantes. E as suas mãos, que o manicuro-pagem requintára eruditamente, como as mãos de Colombina amparavam a fronte dolorosa dos artistas...

Mas, para coroar dum diadema deslumbrante a época das maravilhas, bailarinas russas surgem nos bailados moscovitas, benzidos de Morte e de Além, religiosos e magníficos, e que sugeriam os salões áureos de Scherazada, todos floridos de lume; ainda essas bailarinas esveltas, esgalgadas, nervosas trouxeram à idade da lavareda um novo absinto de exgotante refinamento, pálidamente casando, com seus gestos melodiosos, o ritmo e a côr no mesmo milagre duma beleza desconhecida. Nunca, como nessa época alucinada, os homens conheceram uma beleza fluida, religiosa, perversa, que blasfemava da vida e, em paraísos de artifício, se alumiaava duma luz enigmática, absurda como a sombra duma seda na água dum espelho astral. Mas a guerra apareceu nesta orgia decadente como uma praga bíblica, um trágico castigo de Deus. *A Máscara da Peste Vermelha*, de Edgar Poë, repetiu-se duma maneira mais ampla e mais arripante...

O momento de sacrifício e de contrição, que foi a primeira hora da guerra, trouxe consigo a revolta, a renúncia, o desalento, a expiação, um comovente acordar do espírito religioso, as virtudes remidas do Sangue e da Raça. No luto das paisagens evoca-se agora a alegria das pastorais. E as estradas ficavam cheias de poeira e de cinza e, como na Bíblia, os exércitos passaram como uma fatalidade apocalíptica, as casas ficáram derruidas, os lares, apagados «e os cálices, as púrpuras, os panos do oiro, os mares, fôram saquiados como despejo de batalha». Mas os anos aniquiladores da grande-guerra fecharam-se com uma explosão trágica de lavaredas. Uma nova idade começa e a antiga vida sumptuosa, paradoxal, magnífica, cheia dum fausto incrível, perde todo o encanto voluptuoso nesta parda desolação que vai por todo o mundo. Agonisa uma idade, uma beleza, uma civilização. Emudeceram as últimas vozes dessa orgia, onde se cantavam, no meio do fulgôr

de espelhos, as poesias perversas de Baudelaire e de Samain. (Catulo e Horácio estão quasi esquecidos...) Um grande desânimo pesa sobre tudo, a alegria fugiu da terra, levando consigo o riso que era a bênção da vida, o esforço libertador, o delírio criador e fecundo. Uma loucura aniquiladora que, depois desta guerra, destrói a Beleza e a Elegância, está a rugir com a violência dum vulcão reprêso. Em tudo a mesma atônita incerteza: nada indica, nesta hora de cinza e de melancolia, qual a estrada espiritual que devemos seguir, qual a fonte onde beber as verdades límpidas e purificadoras. Ah! como desejo, epicurísticamente, no abandono quieto das evocações, esquecer-me da trágica dissolução da nossa época, absorvendo-me numa beleza que parece abandonar o mundo! Neste momento, em que uma nova onda de bárbaros ameaça irromper, quantos artistas não repetirão o exemplo de Rutilius que, na hora da queda de Roma, cantava, em serenos versos, a latinidade pura e orgulhosa!

Março de 1919.

TRISTÃO DIAS DE AGUIAR.



: DO "POEMA DA TENTAÇÃO," :

VI

SUBIR ao Ceu é fácil para mim,
Que as águias teem ásas pra voar,
E os loiros que eu plantei no meu jardim
Metem ramos pra o Sol, prá Noite e pró Luar!

Subir sei eu! Ser alma e pensamento...
Assim descesse ao verbo e me fizesse ouvir...
Que agora o meu intento
É de saber descer tão bem como subir!...

Descer, mas tal e qual como Jesus:
Trazendo Deus em Si, nas Suas falas
E no Seu gesto, e em Seu olhar de luz...

Não basta erguer as ásas para os Ceus!
É necessario ainda que ao fechá-las
A dentro delas se recolha Deus!

: “IRONIA BUCÓLICA,, :

INTRODUÇÃO E DEDICATORIA

AUS bons amigos :— o pensar é uma canceira
Que não vale para vós o esforço que a produz,
Por isso vou cantar os gados, a lareira,
O mar e a lavoira, as águas mais a luz...

Ides vêr neste poema descuidado
Cheirando a madre-silva, a terra e a maresia,
As enxadas cavando, e os sulcos do arado,
E as cartas que um Manél screveu a uma Maria...

Para escrever canções dêste feitio,
Dão-se férias à cabeça e ao nervoso,
Basta beber dum trago êste ar sadio
E deixar correr a pena que é um gôso...

Isto não é *sylva exothérica* — está dito
Mas sempre é bom fazer estes reparos —
Para os raros apenas não foi escrito,
Mas sim apenas prós que não são raros...

Isto é um poema feito num momento
— E feito de propósito para vocês!
Pegai lá — não precisais de ter talento
E basta saber ler em português.

AMÉRICO CORTEZ PINTO.



: NO BOSQUE :

ERAMOS os dois no bosque, eu e Sara, nesse julho antigo já para a lembrança como um sarcófago de lenda em que agora repousasse a saudade de remotas juventudes, dormindo sôbre fôlhas sêcas de hera e musgo loiro cendrado, cada qual em sua barraca de ramos de árvore partidos, com frontespício branco armado em tenda alegre de campanha, comendo frutos silvestres e bebendo o licor creme que extraíamos do sangue de estranhas flores selvagens.

Essa vilegiatura ao ar livre, sequestrados ambos ao convívio da vulgaridade mundana de fidalgos e burgueses, dia a dia nos ia ofertando uma existência feliz. Todas as manhãs o galo argeliano, de pura raça árabe, comprado na viagem a qualquer vendedor de alados, ambulante, lançava ao ar a maravilha metálica do seu lindo canto gaulês. Levantavamos cedo, eu trepava às frondes vastas para lançar à terra os frutos do almoço, enquanto Sara em baixo os ia colhendo num cestinho branco de vime entrelaçado, que eu guardava em lembrança da Ilha da Madeira.

Um dia, cansado de viver com ela a sós, por tanto tempo, sem lhe haver forçado com delícia as virtudes da virgindade, lembrei, falando consigo junto à tília grande, como grato havia de ser, à impaciência do apetite insofrido, perturbarmos o repouso dêsse verão por um tumulto de amôr! E porque

não? Se ambos éramos novos e ali pessoa alguma lançaria, sobre a nudez do meu e do seu corpo, o olhar insidioso, porque motivo fazer o sacrifício de ocultarmos um ao outro a energia latente no seio das duas vidas liais? Que ela se des- pisse do amplo véu de vestes claras que lhe cobria o corpo branco, para assim me conduzir a revelar-lhe a minha carne morena... Ficou triste, um pesado aborrecimento veio depri- mir-lhe a existência, apagando-lhe a alegria joiosa do olhar, e magoada, aflita como em presença de um monstro que alon- gasse para si a mão tentaculosa, desde logo um mal oculto lhe invadiu o risonho encanto de alma puritana. E uma oca- sião em que eu regressava da vila, onde fôra buscar jornais para ter notícias do mundo, consegui perscrutá-la para além, distante, sobre um cómorro, doridamente a considerar a sua mágoa cristã.

Certa vez, porém, imprevisto desaire de um verão opales- cente, a madrugada apareceu turva sob o crepe de um céu nuverinhado. A temperatura baixára muito, até o frio era outonal, agitava o vento as ramagens verdes das árvores, e o galo argeliano, dantes madrugador, retraído à mudez bronca de esfinge, mesmo se esquecera de cantar. A manhã foi nefasta ao prazer silvestre da jornada habitual por atalhos entre roseirais e olivedos, e depois, quási não houve canto de ave errante nesses lugares campestres.

Quando o meio dia chegou, enfim, como por efeito dum mandado de Deus castigando até a viuvez a terra em julho florente, todo o céu vestia luto. Subiam do poente, em espiral, como vomitados duma goela hiante de vulcão, fumos negros de cratera, irradiando no espaço, a difundir carbonizações de dor, fuliginosas. De nascente e outros lados, blocos amarele- cidos de nuvens flutuavam, formando castelos sobre montanhas de nuvens mais pesadas, onde havia flancos, cristas e cabeços, a cada instante crescentes, num prenúncio aéreo de desgraça. Iam as azulinas placas do céu desaparecendo, à proporção que o tecido de fumeiros se tornava mais cerrado, fundindo-se às côres numa só opacidade enegrecida, a formar tôlido de Nankim, sobre a terra que parecia entrar atormentada em forçadas crises de martírio. Um momento apenas, encerrada a cúpula às portas do mistério, em tórno tudo foi triste. Estávamos como numa perfeita noite sem lumes, a noite que

uma nuvem formidanda, composta de mil nuvens errantes, trouxera ali nesse momento em que as próprias árvores se fundiam pela escuridão, través a qual poderíamos reconhecer, apenas pelo tacto, a fisionomia das coisas conhecidas. Sara, que ignorava os segredos da meteorologia, não sabendo como possível fôsse haver treva além da hora habitual, ao julgar que era noite, recolheu para dormir. Despira o amplo véu de vestes claras, e, estendida sôbre o leito de musgo e fôlha sêca, o seu corpo nú repousou. A cerração, como um rictus de mau-humor da natureza pôsto na face ampla do céu, era breve e corria lesta à maneira da própria tempestade que após si traz a bonança. De sorte que, pouco e pouco se esfumando mais ao longe, e depois gradualmente assim se difundindo como um fumo nas camadas fluidas do ar, das extremidades para o centro, a nuvem formidanda por completo se esvaiu. De novo a claridade solar a descer de alto inundou tudo dum fulgor de aluviões de tranças loiras, enrolando os caramancheis, os caules todos das plantas por encostas e valados, folharias e florações.

Adorável unção a dessa claridade, por virtude de cuja lucidez todas as coisas mortas e viventes seres do bosque adquiriam fulgurâncias de deslumbradora beleza. Era como se uma segunda manhã dealbasse ali naquele dia, agora mais plena de eflúvios que a primeira. Por sôbre a própria barraca onde habitava, o sol parecia distender em oirescências de infinitos filamentos as cabeleiras eternamente loiras de todas as minhas loiras amantes. Sara, habituada aos largos sônos reparadores da fadiga das jornadas à floresta, por certo dormia ainda, na ilusão de pairar por sôbre si a escuridade da noite. Dirigi-me à sua barraca pisando o chão levemente, curvei-me um pouco para ver, e com mão indiscreta abrí uma fresta pequena na espécie de cortinado que fazia a sua tenda branca de campanha.

Estava núa: e essa nudez, branca sôbre o musgo loiro, dava uma lembrança qualquer de porcelana esquecida por alguém que ali passasse, abandonando-a aos acasos dum achado pelo primeiro viandante. Ajoelhei, percorri-lhe o corpo com a vista lentamente, contemplei-o assim mais uma vez, olhei depois ainda melhor, e, curvando-me até pousar-lhe os lábios rijos, estive a beijá-la com gôsto. Quando sôbre as

pálpebras cerradas a sensação do meu bafo a acordou, Sara teve um assombro ao crer-se envolta no ilusionismo fugaz duma visão, despertou entorpecida, e depois fitou-me mais. Quis fugir, pensou em que o chão se abrisse para esconder-se, voltou-se emfim de todo o lado. E por mais movimentos feitos não conseguia deixar de revelar a sua nudez delirosa. Agarrei-a com furor, tive-a quieta entre os braços como a uma criancita cuja turbulência acabasse na violenta mão dum gigante.

Estava também vencido numa luta em que sitiado e sitiante se haviam rendido a um tempo, e desde então, amigos como nunca até ali, ao trocar dôce dos beijos, em cada instante eu lembrava quanto a nuvem tormentosa fôra a mensageira duma felicidade perfeita, revelando-me, pelo milagre da tréva, o segredo da carne branca naquele corpo de amante.

(1916).

ALBINO DE MENEZES.



: MÁSCARA :



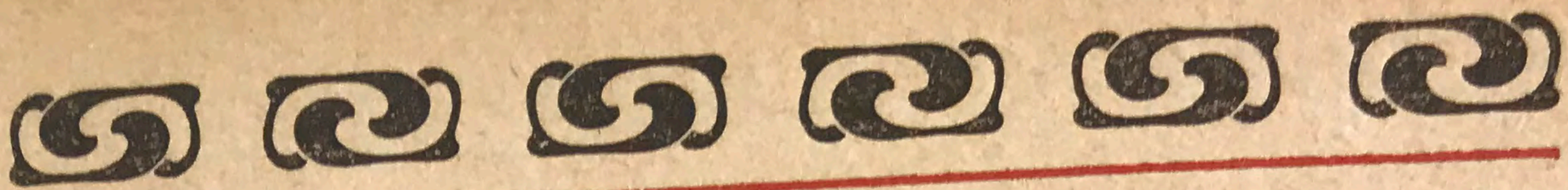
ALVEZ não valha a pena ter saudades
Do nosso amor hipócrita, grotesco.
Vestimos de mentiras as verdades;
Tudo em nós foi amor carnavalesco.

Talvez não valha a pena recordar.
Que dizes? Mascarêmo-nos ainda...
Tu tens, amor, a máscara mais linda
Que um mascarado póde desejar.

Tudo entre nós parece que acabou.
Mas pódes crer, amor, que ainda sou
O mesmo para ti que fui outr'ora,

Porque não ter saudades de mentir?
Depois, nem toda a gente sabe rir
Convencendo, com lágrimas, que chora!

LUIS PINTO DE MONTEMOR.



: SONETO :



AVALGANDO parti à desfilada!
Ao deixá-la, cuidei que não podia!...
E agora, após a louca correria,
Vejo que a levo em mim transfigurada.

Ela comigo, sim, vai de longada...
E esta pastoral do fim do dia,
No ceu diluida em écos de elegia,
É o manto com que a levo agasalhada.

A estrada segue ao meio do planalto,
— Aldeias longe... sombras... solidão —
Mas o enlêvo domina o sobressalto!

O ceu é um véu de côres em fusão!
E eu, cheio de encanto, a terra exalto
E levo-a aberta em flor no coração!

Beira.

ANTÓNIO FERREIRA MONTEIRO.



: A LENDA DAS JOIAS :

A PRINCESA Ladiké morava num palácio bisantino flanqueado de tórres altíssimas e cingido por jardins de maravilhosas fragrâncias. Caramanchões de buxo muito espessos e antigos punham uma sombra de luto em toda a volta, que a espaços curtos frondes de rosas trepadeiras sulcavam em traços vivos de alegria luxuriosa : aos cantos do parque imenso os repuxos desferiam nas suas cordas fluidas cadências mórbidas de mistério e de angústia. Nunca à face da terra existiu um palácio igual a êste, onde morava Ladiké, a princesa das mãos intranquílias. As suas paredes, forradas com jóias de alto a baixo, flamejavam como policromos espelhos de oiro e de turqueza ; os seus tétos apainelados escorriam pingos de luz vermelha e sádica pelos ângulos perfurantes dos carbúnculos e no cimo das colunas de pórfiro pedrarias as mais bizarras exalavam scentelhas glaucas como as ondas em noites luarentas.

Pelos seus pavimentos brandos os topázios, os rubis e as safiras tintinabulavam como os colares nas gargantas morenas das bailarinas e eram em mór avondança do que as migalhas caídas dum banquete rico. A princesa das mãos intranquílias revia o seu corpo dulcíssimo de gazela, os seus membros frágeis como os juncos, e o seu rosto loiro como um lago de mel, nas imensas jóias que lhe iluminavam o palácio. Quantas vezes a adolescência de Ladiké, tentadora como um fruto de âmbar,

cantou vitória plena sôbre a pupila azul duma safira! Algumas paredes de tantas coralinas e ametistas, que nelas fosforejavam, pareciam tapeçarias de lume reverberando incandescências crúas de sedução superhumana. Era um palácio de fiera e de pecado, de magnificência e deslumbramento. Nunca lá dentro alguém vira morrer o sol.

Era sempre claro e sempre dia, porque o fogo dos berilos e dos braceletes, das gemas e das topazinas, excedia os lumes inquietos dos astros. A sensitividade delicadíssima da princesa criou requintes singulares de gôzo — toda uma liturgia barbara de vício.

Assim ela ora colava a boca estéril aos carbúnculos sensuais, rubros como gládios de batalha, e tinha a sensação forte de beber olhos de guerreiros; ora desennastrava os seus cabelos negros sôbre montes de esmeraldas e era como se uma túnica de luto caísse sôbre as vagas do mar.

Numa noite célebre a princesa quis mesmo fazer a orgia das jóias. Ah! o que ela sofreu por isso, nem eu o sei dizer! Os rubis, aos pares, enroscaram-se ás opalas cerúleas e os corindons uniram-se, crepitantes de desejo impuro, com as gemas. Houve contactos estridentes. Aconteceu a tragédia de mil virgindades vencidas. O deslumbramento subiu a intensidade tamanha e o prazer transbordou em maré tão acre nos olhos quentes e negros de Ladiké que ela esteve em riscos de cegar. As jóias traduziram nos seus fulgores todos os paroxismos e frémitos de crise, que a torturaram. Que excessivas relumbrâncias as daquela noite de orgia, em que os berilos e as turquezas viveram a sua única hora de pecado e de volúpia! Quando a bela princesa encerrou nos cofres de marfim as jóias mais coruscantes, sentiu as suas mãos intranquilas acometidas duma côr vigorosa de incêndio, e os seus nervos quebrados por uma lassitude indefinida.

Vibrações irresistíveis de côr haviam laivado a sua carne. E entretanto no tronco das colunas os diamantes vulgares debruçavam-se á maneira de espelhos fiéricos ou abriam pupilas suaves de crianças scismáticas.

Ladiké nunca saía do seu palácio bisantino, flanqueado de tôrres altíssimas e guarnecido por jardins de maravilhosas fragrâncias, visto que possuía dentro dele prazeres para os seus sentidos e emoções para a sua alma. Em horas de espi-

ritual intimidade, ela punha-se a conversar com o alto pelas harmonias dolentes da sua harpa de ouro; e as turquezas, empalidecendo de êxtase, lembravam rostos de emotivas e de místicas, transfigurados de enlêvo. No imponente palácio bisantino, o salão das opalas era contíguo ao das coralinas e ao das safiras, e a bela princesa preferia êste último para os momentos religiosos, em que ela se alava pela fé, porque, no seu próprio dizer, tinha a ilusão de estar no céu, entre turbilhonamentos de luz azul e entre ritmos de âsas brancas. Outras vezes, Ladiké sofria as suas crises pagãs e enamorava-se das cornalinas — jóias que mais se assemelhavam a morangos do que a pedras: e dava-se isto geralmente pelo outono. Quando os campos e os longes se enodoavam de crepúsculo, e as árvores de ramos hirtos se confundiam com figuras estilizadas de renúncia e de vago, a êsse tempo a princesa das mãos intranquillas criava no seu palácio paisagens soberbas de poente. Eram as cornalinas que lhe conseguiam êsse milagre.

O artifício corrige e emenda a natureza. Eu não conheço luar mais claro, fluido e sereno do que o luar que as opalas derramam. O firmamento de noite, quando os astros o cravejam, é o escrínio dum joalheiro visionário e pródigo, que os meninos adoram.

Ladiké — facto interessante! — no meio de toda a sua magnificência olímpica, dos seus espelhos e tapeçarias, das suas pedras e das suas riquezas, nunca se ornamentou com uma jóia, uma das suas milhares de jóias — nem sabia qual o poder de fascinação duma esmeralda sôbre um corpo desnudo de mulher. Distraía-se a ouvir os seus pavões, a scismar em velhas lendas de heróis e de amorosas ao som dos seus repuxos, e a aprender as elegias dos cedros altivos marcadas em adágio muito doloroso pelo vento undísono e, fóra disto, a princesa vivia com as suas pedrarias num estranho exílio de Artista e de Magnífica.

... Ora um dia entrou no palácio um guerreiro nómada de catadura fera e de inexcedível audácia: e tão rijamente sacudiu a enorme aldrava do portão de bronze, que no jardim os galgos latiram de pânico. Por onde êle marcava jornada, logo uma vaga de terrores incertos desenvolvia silêncios presagos

e a sua voz de tão reboante e sinistra punha até nas rochas marés vivas de horror. Assim falou à princesa Ladiké no mesmo tom metálico e crispante em que se dirigia, nos plainos e nos acampamentos, aos seus bandos de guerra: nem aquele cavaleiro nómada sabia falar de outro modo. As suas frases exalavam rescendores de voracidade sangrenta e êle batia-as nervoso na sua boca como notas bélicas de tímpanos.

Nunca naquele palácio bisantino, flanqueado de torres altíssimas e guarnecido por jardins fragrantes, assomára um guerreiro semelhante. E, Deus! com que eloquência brutal, destrambelhada e candente, êle uivára a sua tragédia! Era um génio dentro dum tronco massiço e giganteo.

Nada o ofuscou a exuberância perdulária das jóias, coahando os pavimentos brandos em mór avondança do que as migalhas caídas dum banquete rico. Também a sua tenda de chefe era assim, faustosa, relampagueante, deslumbradora. Também os alfanges recurvos dos seus companheiros de armas fulguravam nos lumes de milhares de diamantes e as suas auréolas reluziam só por si, como nunca reluziram as lâminas doiradas dos bravos nos prélios assírios. A indústria das jóias vinha de muito longe, não se sabia desde que época, e pensava-se que houvesse nascido na côrte preversa e suntuosa dum certo país heráldico entre palmares, campos de chorões e fontes sagradas.

A princesa das mãos intranquílias escutou as páginas do drama lancinante do nómada e teve-o, durante instantes convulsivos de crise, a soluçar alto com a fronte contraída e os olhos crispando como duas brazas no fundo dum turíbulo.

«Por ventura já algures a viste?

O seu corpo refulge mais que o meu alfange mordido de pedrarias.

Se a topares, por aí, não te avisinhes, porque te abrasas nos lumes da sua formusura.

Eu corro o mundo em procura déla — ah! o meu tesoiro, o meu pomar de enlêvos, o meu santuário de marfim!

Pois tu não a conheces?

A sua fala é um incenso.

O seu corpo — a melhor criação de Deus.

Nunca a viste em verdade?

A curva da sua anca tem mais esvelteza que a curva dos crepúsculos sobre o mar.

A minha Mulher!

É a filha do Sol e das Ondas.

Aquela de corpo leve e tranças verdes, que já outróra me pertencera, que já tinha sido minha, sim, minha, apenas minha.

Ainda sinto no meu peito o sabor dos abraços — tantos! — que ela me deu.

Ainda me escalda os lábios o aroma violento dos beijos, em que o seu amor para mim se exalou.

Um revez de guerra tirou-ma dos braços. Mas eu posso lá esquecê-la!

Não descanso. Não durmo. Não voltarei ás festas do meu acampamento.

Já bati todas as florestas de cedros e entrei nos mais ricos palácios dêste país.

Hei-de reconquistá-la. Juro-o pelo Deus das batalhas — Aquele que sempre me foi propício.

E na hora em que de novo a possuir, o meu alfange retinirá a seus pés, submisso como um cristal quebrando-se».

— «Olha, filho do deserto, respondeu Ladiké, eu enxerguei ao canto do meu jardim, enamorada dos meus pavões e dos meus cedros, Aquela de tranças verdes que tu demandas. Foi na primeira noite de lua cheia. Se ainda a queres, volta a êste palácio amanhã quando sôbre a terra houver descido um silêncio de túmulo».

O guerreiro não coube em si de loucura e paixão. — «Ah! ó meu tesoiro, ó meu pomar de enlevos, ó meu santuário de marfim, amo-te perdidamente, cegamente!! —»

Horas depois, a princesa das mãos intranquillas, rendida e subjugada pelos acentos tôrvos e másculos do nómada, media dentro do ginecéu discreto a virtude de algumas enganosas seduções e sucessivamente desfiou em imagem todas as que a

vulgaridade consagrara, sem que distinguísse qualquer delas. Eram na sua maioria banais, frágeis, descóradas e pouco transfigurativas de beleza. E meditou longo tempo até que a sua escrava subiu para lhe polir as unhas e doirar as pálpebras.

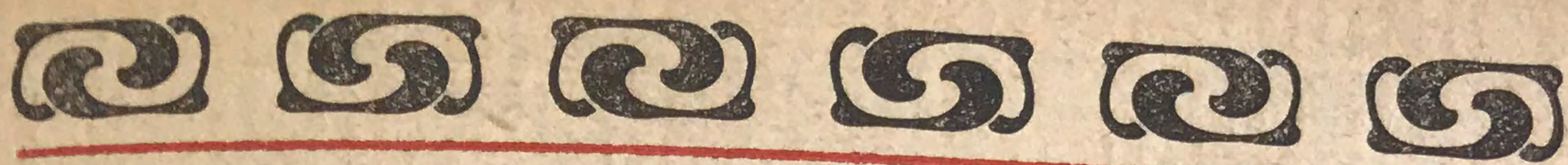
Ladiké reclinou-se languidamente na sua almofada de penas: mas uma surprêsa relumbrante lhe agrediu as pupilas — é que, no tornozêlo da escrava assíria, o lume azulíneo duma safíra desabrochou um alvorecer de beleza inédita. E Ladiké suspendeu-se a olhar o milagre numa atitude de alvoroço e de triunfo.

Ao baixar a noite em que o guerreiro prometera voltar ao seu palácio, ela quis pôr ao serviço dos seus desejos o novo artifício e instrumento ofuscante de sedução. E assim amarfanhadas as suas púrpuras, ciclas bordadas a oiro e musselinas revoantes, a princesa vestiu-se de jóias, enroscou córindons e esmeraldas na sua garganta fina, prendeu dois carbúnculos roxos dos seios, alagou as suas tranças negras numa espêssa poalha verde, e queimou os seus dedos longos num poente de anéis. Sôbre o peito moreno dançavam-lhe as chispas de muitos colares de ónix. As suas ancas retiniam sinfonias incríveis de côr e fogo. Toda ela escorria pelos membros um suor de luz. Era uma estátua polícroma, tintinabulando jóias riquíssimas e coruscando lendárias fierias. Ladiké, na sua câmara forrada de espelhos, embalando-se sôbre dois coxins e semi-desnuda, refulgia mais do que o sol. A sua túnica de jóias sugeria aqueles mantos rútilos e diáfanos que as deusas antigas arrastavam sôbre as névoas do mar.

Entretanto ao fundo do parque latiram de susto os seus formosos galgos negros. Era o guerreiro. Quando êle entrou o deslumbramento esteve próximo de o fulminar e uma crise de alegria o dominou até aos meandros da alma, como se houvesse renascido para os seus beijos e para os seus carinhos a filha da Sol e das Ondas. Ladiké estendeu-lhe os dedos estrelados de pedrarias e aneis fúlgidos, e entre montes de turquesas crepitou um alfange reluzente, quebrando-se em estilhas finíssimas e agudas.

E o Amor da princesa viu ao seu lado o Amor desvairado do nómada vencido.

ALFREDO DE CARVALHO.



: SONETOS :

DOSTO que a tarde é lúcida e benina
e aqui, neste quintal, as murmurantes
fontes a hora embalam, e os descantes
das aves soam na ramagem fina,

porque me não assento? Tão divina
meditação requer inebriantes
colóquios de águas e pardais! Distantes
as nuvens vão, na mancha purpurina...

Sento-me aqui num banco. Certo dia
talvez os campos contemplando e as flores
neste lugar amantes conversassem.

Se tu estivesses, o que te diria?
Ah! como nunca discorri de amores,
pedia às aves que por nós falassem.

ADÓRO tanto êste lugar! e sei-o
quase de cór, que tudo olvido; e penso
muitas vezes, que o mundo vasto e imenso
é que anda ao meu redor, e eu fico a meio.

Outras cousas estranhas sonho e creio.
Consigo alhear-me. A névoa, qual incenso,
vem subindo do rio e é agora um lenço
de alvura e de perfumes todo cheio.

Não compreendo como há tanta gente
que ignora a minha vida, e está contente...
Doce paisagem, muito verde e em curvas...

E todas estas tristes ironias
componho-as a sorrir, olhando as frias
águas, que pelo rio descem turvas.

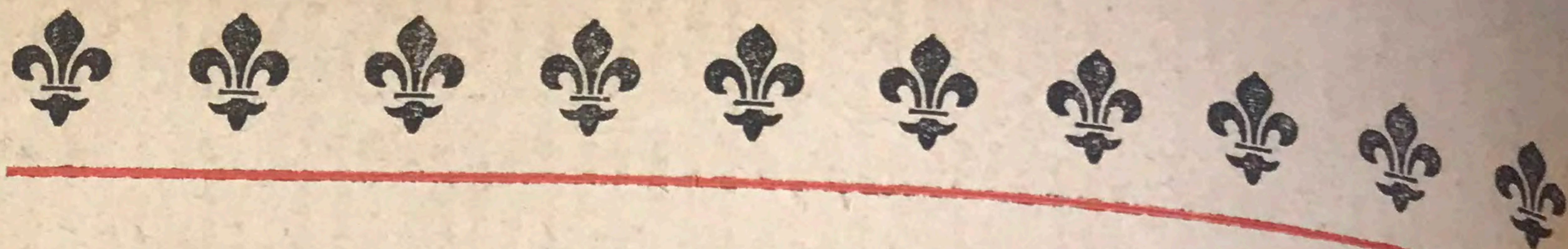
IDE colher as uvas dessa vinha,
luzentes cachos carregados de uvas!
Pretos, alembrem mantos de viúvas...
Ide-os colher, oh namorada minha!

Fruta para a merenda de Rainha,
ide-a colher antes que venham chuvas.
Se tinge as mãos, calçai as mãos de luvas;
o tempo foge, o tempo foge asinha!

Olhai-me sempre: dêsse olhar derive
toda a harmonia, toda a confiança
com que se nutre só minha esperança.

Ambos nós temos faina de vindimas,
que assim é a vida e cada qual a vive:
vós a buscar as uvas, eu as rimas.

JOÃO CABRAL DO NASCIMENTO.



: DIÁLOGO :
NUMA NOITE DE NÉVOA

*«Hortus conclusus estis, sôror mea
sponsa, hortus conclusus, fons signatus»*

CANTICO DOS CANTICOS.

AS tuas mãos estão perfumadas. Em volta de ti espalha-se um aroma exquisito como se acabasses de atravessar os prados das legendas católicas. Quem és? De que côr são os teus olhos? A névoa mal me deixa distinguir o teu vulto... Mas os teus passos, por entre a névoa, teem um ritmo solene e nobre. As tuas mãos estão perfumadas...

— Beija-me as mãos, assim! Quem sou? — que importa! Beija-me as mãos, os dedos, os pulsos... A névoa desce com vôos imateriais e doces, amortalha as árvores e os horizontes, é um brando jardim quimérico onde surgirá a primavera das estrêlas. A névoa desce sempre e sente-se, no seu irreal esplendor, que ásas de anjos andam espalhando aromas com seus vôos litúrgicos. Beija-me as mãos, muito! Esconde à tua face nas minhas mãos juntas...

— Eu andava passeando por entre a névoa, e encontrei-te. Mas não sei que sonho adormecente conduzia os meus passos alheios. Eu sentia-me triste, e sonhava neste cenário boreal e debruçava-me sôbre a fornalha ululante da Morte. Tinha o cérebro cheio de prodígios, minhas pupilas, embruxadas no

alborescente enlêvo da névoa, viam espectáculos de febre, uma derrocada sonâmbula de estrêlas, altos repuxos de chama florescendo como rosais de maravilha... Debrucei-me sôbre a vida, e minhas mãos pendem agora num gesto de desalento e de desânimo. Ah! se visses o tédio que cai, como uma poeira sombria, sôbre a minha alma! Eu passeava por entre a névoa, e meus ouvidos, numa pálida beatitude, recolhiam uma música inefável, feita de ritmos fluidos e ondeantes, rimada em vãos de neblina inquieta. Nada me surpreende neste ambiente misterioso, entre o céu e o mundo... As árvores são fantasmas. E o silêncio é tão grande como se nele errassem sombras de estrêlas. E tu apareceste enigmáticamente como numa aparição. A névoa é cada vez mais espessa, envolve-te como uma túnica mortuária. Mal te vejo, só sinto o perfume de tuas mãos caridosas...

— Abandono minhas mãos aos teus beijos. Não tentes conhecer-me. Falemos...

— Sôbre quê?

— Sôbre a vida, sôbre a beleza, nos teus sonhos...

— Sim, sim! Dir-te-ei tudo, os meus sonhos, os pesadelos de beleza, a anciedade tôrva da minha alma, o meu desânimo, a lassa beatitude que me invade! Dir-te ei tudo! Mas a névoa desce sempre como se os jardins do céu lançassem sôbre a terra as flores nupciais e belas. A névoa desce e eu sinto que corre nas minhas veias, como um filtro de encanto, o veneno da morte e da químera. Dir-te ei tudo, — o meu desalento, o meu desassossêgo... Caminho, pálido, na vida, sem coragem, sem nenhum impulso heróico. A vida é bela, concede tudo a quem sabe implorar. E eu bem sei que bastava, para que fôsse grande, único, revelador, erguer os braços, colher o pomo fecundo da tentação. Eu bem sei — mas sinto que uma doce corda de seda prende os meus pulsos, afaga os meus pulsos num aliciante abandono. Nada tento, nada busco, nada me surpreende! E esta indiferença por tudo, êste irónico abandono diante da vida e do meu destino, tem uma voluptuosidade que me embriaga como um licor.

— A névoa revela-nos a nós próprios, obriga-nos a fechar as pálpebras. Fala de ti, sempre de ti, egoistamente...

— O perfume de tuas mãos é como uma bênção. É um caridoso interêsse, o teu, de conheceres as minhas íntimas

turvações. Mal te distingo por entre a névoa — mas julgo que sempre me acompanhaste. As tuas mãos, cheias de perfumes, também conhecem os bálsamos que curam as feridas terríveis. Eu passeava por entre a névoa e meus pés arrastavam fôlhas sêcas, que exalavam um perfume de resina. Eu passeava por entre a névoa e sentia a vida correr ao longe, muito ao longe, como um rio macabro, rugidor, cheio de destroços. O meu passado resurgia todos os fantasmas mortos; mas, por prodígio da hora de névoa, as horas transcorridas não se apresentavam nítidas, antes as confundia com as horas de outros destinos. Sentia em meus lábios o gôsto de beijos nunca trocados. Fechava as pálpebras num êxtase porque, illusoriamente, julgava que, por entre névoa, uns lábios misteriosos andavam beijando as minhas pálpebras. Por mentira, lembrei-me que, num silêncio epitalâmico, atravessara prados bíblicos com Sulamite. A sua carne morena estava cheia de aromas e o ósculo da sua boca era um aroma mais embriagante...

— Sim, esconde a tua face nas minhas mãos como numa verónica perfumosa... A névoa cai cada vez mais. Como um óleo diáfano, o luar escorre na névoa...

— Na vida só o sonho é belo. Ah! deixa-me sonhar, deixa-me sonhar! A quimera purificou a minha alma. Um único ritmo nupcial, envolvente, sereno, assiste á nascença das horas do meu destino, mede-as numa música transfigurada, extasiante, que envolve a vida e a morte no mesmo beijo. Deante de mim a vida está envolta duma luz de assunção. Coroada de estrêlas, ela diz as palavras delirantes da promessa e do amor. Mas abandono as mãos num desânimo supremo. Tenho na minha alma a melancolia lânguida, comovida, doce, que acompanha a morte duma ilusão. Uma grande tempestade destruiu todo o meu jardim espiritual...

— Beija as minhas mãos, beija-me sempre...

— A névoa tem um encanto religioso. Beijo-te quasi com os olhos cegos... Envolve-me o perfume de tuas mãos e meus lábios, percorrendo as linhas perfectas dos teus dedos, extasiaram-se nesse sedoso contacto. A névoa tem uma graça ascética. Beijo-te como em sonho, — em horizontes de encanto e de pesadelo. A névoa desce cada vez mais. Tenho-te em meus braços, corpo de penas e de mistério, e eu não sei se o perfume, que se esparze, é da névoa, ou do teu cabelo. A

tua bôca desfalece sob o meu beijo, desfalece como se rezasse. A névoa tem um esplendor luminoso: que maravilhosa aurora será esta?

— A hora breve da quimera, da ilusão, passou como uma sombra. Uma luz diáfana anda dispersando a névoa. A névoa desfaz-se, esfarrapa-se, — o encanto finda...

— Um vento ligeiro anda esfarrapando a névoa. Como fantasmas, surgem as árvores desgrenhadas. A névoa desfaz-se no silêncio, e uma luz leitosa, alborescente, duma irradiação lunar, parece surgir. Tudo obedece ao mesmo destino frágil; esta hora de névoa, de mistério, de quimera, leva o perfume dos nossos beijos, as minhas frases alucinadas, os meus sonhos, talvez a minha alma. Como névoa, esta hora foge tenuemente. É mais diáfana a névoa, as árvores teem aparências transidas e medrosas. Como um grito, um cipreste desenhou-se sôbre o fundo alvacento. Do mistério surgem as tuas mãos; os teus pés, calçados em sandálias de oiro e esmeraldas, fulgem como esculpido em marfim. A névoa ainda te encobre diáfanamente, dando-te um encanto sagrado, envolvendo-te como um fumo ciumento. Brilha com uma luz estranha a lhama transparente do teu vestido. Oh! tu vens perfumada a nardo e a mirra! Oh! adivinho a tua beleza, virgem de idílio religioso! Tuas mãos concederam-me a bênção, a graça amorosa e transfiguradora. Mas com um brando alôr a névoa rarefaz-se em volta de ti. Tu surges encantadamente como uma aparição mística. A lhama verde do teu vestido esfarrapa-se nos teus joelhos como um fumo ritual. Teu perfil régio tem uma tristeza suprema — a tristeza de quem se debruçou sôbre a miséria e a beleza do mundo. A névoa envolve-te como num prestígio, — tu tens a atitude de quem vai coroar. Oh! não fujas; deixa-me beijar as tuas mãos. A névoa desmaia languemente. Uma estrêla floresceu na névoa...

ERNESTO GONSALVES.



: HERÓI DA DOR :

TERÁS depois a grande recompensa,
O prémio merecido do teu pranto,
Herói da dor que sófres, és um santo
A quem não falta o Amor, a Idêa e a Crença.

A tua vida foi assim intensa,
Cheia de lucta; e, como por encanto,
Saíste dela altivo, puro e santo,
Sem tédio, sem pecado e sem descrença.

Tiveste como guia a mão divina,
Que te guiou ao longo da campina
Onde as almas cobardes logo abatem.

Mas tu sofreste e foste vencedor;
Só grandes são as vítimas da Dor,
Bemditos, pois, aqueles que combatem!



: HERÓI DA DOR :

TERÁS depois a grande recompensa,
O prémio merecido do teu pranto,
Herói da dor que sófres, és um santo
A quem não falta o Amor, a Idêa e a Crença.

A tua vida foi assim intensa,
Cheia de lucta; e, como por encanto,
Saíste dela altivo, puro e santo,
Sem tédio, sem pecado e sem descrença.

Tiveste como guia a mão divina,
Que te guiou ao longo da campina
Onde as almas cobardes logo abatem.

Mas tu sofreste e foste vencedor;
Só grandes são as vítimas da Dor,
Bemditos, pois, aqueles que combatem!

FERNANDO CAETANO PEREIRA.

EXPEDIENTE

DA REDACÇÃO

Só publicamos inéditos.

«Ícaro» começa a publicar-se mensalmente.

DA ADMINISTRAÇÃO

Não aceitamos assinaturas, sendo avulsa a venda da nossa revista.

Pedimos a todas as pessoas a quem enviamos esta revista o favor de nos remeter pelo correio a importância de cada número.

Em via de publicação :

ALGUMAS RIMAS & SONETOS

por Cabral do Nascimento.

ADOLESCÊNCIA DAS FONTES

por Ernesto Gonzalves.

O SÊLO DA ALTA-RODA

por Luis Vieira de Castro.

SERÃO DAS INFANTAS

por Alfredo de Carvalho.

POEMA DA TENTAÇÃO

IRONIA BUCÓLICA

por Américo Cortez Pinto.